

## RESPOSTA AO MEDO<sup>1</sup>

Dominique MAINGUENEAU  
Sorbonne Université – Paris IV

### Resumo

A crise do coronavírus é uma crise que toca a sociedade nas suas profundezas. Assim sendo, ela é suscetível de interessar as mais diversas ciências da linguagem e, mais particularmente, à Análise do Discurso, especialmente, a partir de dois pontos de vista : 1) em razão de essa crise propor novos objetos de análise, novos corpora ; 2) em razão de ela colocar em questão certos limites das abordagens discursivas mais tradicionais. Certamente, esses dois pontos de vista se misturam constantemente, como pretendemos mostrar na nossa conferência. Todavia, está claro que a crise sanitária atual coloca em evidência diversos fenômenos discursivos. Nos dedicaremos nesta intervenção a dois deles : a importância atribuída a fala dos especialistas, dos peritos e o importante papel que os números desempenham nos discursos da mídia sobre a Covid19. Esses dois fenômenos obrigam os analistas do discurso a se interrogarem sobre seus conceitos, seus pressupostos teórico-metodológicos e suas práticas analíticas. Palavras-chave : Análise do discurso ; Covid19 ; fala de especialistas e números na mídia.

### Résumé

La crise du coronavirus est une crise qui touche la société dans ses profondeurs ; en tant que telle, elle est susceptible d'intéresser sciences du langage, et plus particulièrement l'analyse du discours, de deux points de vue : 1) parce qu'elle propose de nouveaux objets, de nouveaux corpus ; 2) parce qu'elle amène à prendre conscience de certaines limites de nos approches habituelles. Mais il est clair que les deux points de vue se mêlent constamment, comme je m'efforcerai de le montrer dans cette communication. La crise sanitaire actuelle met en évidence divers phénomènes discursifs ; j'en retiendrai deux : l'importance donnée à la parole des experts et le rôle majeur que jouent les chiffres. A des titres divers, ils obligent les analystes du discours à s'interroger sur certains de leur concepts et de leurs présupposés.

**Mots-clés:** L'analyse du discours; Covid19; parole des experts; chiffres.

---

<sup>1</sup> A Live que deu origem a este texto, apresentada em 27/05/2020, pode ser acessada no Facebook do LEEDiM-UFSCar - <https://www.facebook.com/leedim.ufscar/>, bem como no canal do YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UChUWKJRSDk0TSdHrb5JtCMA>. Tradução para o português brasileiro de Érika de Moraes e Roberto Leiser Baronas.

Estudar o papel desempenhado pelo discurso na atual crise de Coronavírus está além das capacidades de um indivíduo e mesmo de um grande número de indivíduos, pois a interpenetração entre o discurso e a epidemia é forte. E a tarefa é ainda mais difícil quando se escreve em um momento em que não apenas a epidemia não acabou, mas também a natureza do vírus, seus efeitos, sua evolução, sua transmissão e sua reinfeção permanecem amplamente desconhecidos. Porém, uma coisa é certa: esse vírus desperta medo no mundo inteiro e o discurso é chamado a responder a esse medo. Houve um tempo em que foi, sobretudo, o discurso religioso que se encarregou desse medo, transferindo-o para outro: o medo do castigo divino. Hoje, são outros recursos discursivos que são mobilizados, dois em particular, complementares e intimamente ligados: o recurso às palavras de cientistas e à encenação de números. Mas o que permanece invariável ao longo dos séculos é que o discurso só pode ter a força de remédio se integrar o mal em uma configuração semântica mais vasta, onde possa ser controlado.

## **1. O discurso dos especialistas**

### **1.1 Duas injunções contraditórias**

As crises abalam nosso mundo familiar, que deve ser restabelecido pelas palavras de certos tipos de atores. O reestabelecimento que os políticos operam consiste em dar à população o sentimento de que existem responsáveis competentes e de que a situação está sob controle, graças às ações apropriadas que eles tomam. Já o que é operado por especialistas em ciência também tem como objetivo mostrar que a situação está sob controle, mas se trata, antes de tudo, de um domínio de ordem cognitiva, que então permite agir de maneira eficaz. Se há estudiosos, o evento que repentinamente irrompe não é mais opaco: é claro que um mal nos assalta, mas, graças à ciência, sabemos sua identidade e sabemos quais são suas fraquezas. A diferença entre termos como “peste”, por um lado, e “Coronavírus” ou “Covid-19”, por outro, é significativa nesse sentido. Até o século XIX, o nome “peste”, como no latim “pestis”, que significava simultaneamente “doença” e “destruição”, designava qualquer epidemia grave; a doença foi entendida do ponto de vista de seus efeitos destrutivos no homem. Em contrapartida, “Coronavírus” e “Covid-19” são categorizações científicas: “Coronavírus” indica uma categoria biológica (vírus) e uma subcategoria (corona); Covid-19 retoma as mesmas informações de forma abreviada, adicionando “doença” e o número do ano de seu aparecimento: “Doença infecciosa por CoronaVirus 2019”, um

termo derivado do inglês científico e validado oficialmente por organizações internacionais. O agente patogênico é, portanto, enquadrado em uma caixa definida pela pesquisa científica. Nomear não é suficiente para conhecer todas as suas propriedades, mas é o bastante para converter o inominável em um elemento pertencente a uma grade construída por cientistas e sobre a qual podemos, portanto, agir.

Quando falamos aqui de “especialistas científicos” sobre a pandemia, não estamos falando de indivíduos definidos por sua afiliação profissional, mas de indivíduos convidados como tais a se expressarem nas mídias. Na televisão, no rádio ou na internet, são chamados “experts” os especialistas em política, cinema, futebol ou educação, bem como em astronomia ou geofísica. Mas quando se trata de pandemia, cujo desafio imediato é a vida ou a morte de cada um, uma hierarquia é inevitavelmente criada entre os especialistas que reivindicam a biologia ou a medicina e os outros.

O público que ouve esses especialistas não busca o provável, mas o verdadeiro: precisa de certas respostas. Mas esse requisito entra em conflito com a realidade. Não apenas os especialistas têm opiniões divergentes, mas também a pandemia, por seu caráter multidimensional, ultrapassa o conhecimento especializado de cada um deles. Além disso, há o fato de que o conhecimento sobre a Covid-19 está em constante evolução: todos os dias, aparecem nos mais variados mídiuns vários artigos sobre o assunto. Nenhum infectologista sobrecarregado de serviços no hospital e que precisa, ainda, responder a perguntas de sites de notícias, emissoras de rádio ou canais de televisão consegue ler essa infinidade de publicações. E como essas publicações são frequentemente comentadas pelas mesmas mídias que os convidam, os especialistas se veem constantemente forçados não apenas a serem os porta-vozes da ciência, mas também a avaliar os trabalhos em andamento sobre os quais eles não têm conhecimento prévio.

Diante da demanda do público por certeza, suas respostas oscilam entre dois extremos. Há quem dê respostas precisas e seguras com autoridade; no lado oposto, há quem ressalte suas dúvidas, até sua ignorância. Mas eles raramente apresentam essa ignorância como sendo deles, mas como sendo do conjunto da comunidade científica: “no momento, a pesquisa ainda não conseguiu estabelecer se...”, “ainda não sabemos bem sob que condições...”, etc.

Quando fala na mídia, o cientista está de fato sujeito a duas injunções contraditórias. A palavra lhe é dada para que ele entregue certezas, que ele tranquilize; mas, se ele é convidado, é porque ele é legitimado por ser membro de uma comunidade

de pares. Essa comunidade desempenha o papel de sobredestinatário, ou seja, “uma espécie de arquétipo da consciência coletiva do domínio de referência no qual o autor se afirma ou que pretende acessar”, nas palavras de S. Moirand (Charaudeau e Maingueneau, 2002, p. 560). Ela acrescenta: “assim, um acadêmico que escreve na imprensa comum se dirige não apenas aos leitores regulares do jornal, mas também a seus pares” (2002, p. 560-1). No caso que nos interessa, esse “não apenas... mas também” se mostra problemático: o pesquisador entrevistado na mídia está dividido entre a necessidade de cumprir o contrato de fala implícito no tipo de discurso do qual ele participa e a de se conformar às normas do sobredestinatário que o legitima como cientista. Mas essa tensão é variável. Nos gêneros de mídia destinados ao grande público, a pressão para fornecer certezas é muito mais forte do que nos destinados a uma elite, onde o especialista tem, ao contrário, interesse em privilegiar o ponto de vista do sobredestinatário, para sublinhar a complexidade do fenômeno e a falta de certeza. Especialistas que atendem às expectativas do grande público podem se tornar “estrelas” da mídia, mas correm o risco de serem marginalizados na comunidade científica. É o caso do professor Didier Raoult, na França, que adquiriu uma grande reputação por elogiar a eficácia da hidroxicloroquina, mas foi acusado por muitos colegas de fornecer como certos resultados metodologicamente pouco confiáveis.

## 1.2. Um exemplo

A título de ilustração, considerarei um extrato de uma entrevista, publicada no site da intranet da Universidade Sorbonne, com uma professora de virologia chamada Anne-Geneviève Marcelin. Em sua grande maioria, o público-alvo desta entrevista não é constituído de especialistas em virologia, nem mesmo de médicos, mas de acadêmicos que, como tais, aderem, contudo, às mesmas normas que a locutora. Mesmo que um matemático ou um linguista sejam ignorantes em virologia, acredita-se que compartilhem o pressuposto de que apenas existe conhecimento científico se validado por uma série de procedimentos reconhecidos pela comunidade de pares.

As perguntas feitas ao virologista são as mesmas que aquelas que os jornalistas endereçam aos experts da mídia. Por exemplo, esta, que vai ao encontro direto das preocupações da população: “Que hipóteses poderiam explicar por que, entre pessoas sem fatores de risco que sofrem de Covid-19, algumas têm formas leves, enquanto outras desenvolvem formas graves?” Mas a resposta dada está longe de acalmar essas preocupações:

**A.-G. M.:** (1) Ainda não sabemos por que alguns pacientes desenvolvem uma forma grave da doença quando não apresentam comorbidades específicas no início, como obesidade, diabetes, doença cardiovascular, insuficiência respiratória etc.

(2) A resposta imune, ou seja, a maneira como nosso organismo se defende contra o vírus, é um componente essencial na evolução da doença. Na maioria das pessoas, bastam alguns dias para que as células combatam a infecção. Mas, para outras, o sistema de defesa reage de maneira desproporcional por volta do sétimo dia da doença, provocando uma reação hiperinflamatória do organismo. Em algumas formas graves, essa reação desenvolve a ponto de destruir tecidos e órgãos. ***Mas a origem desse processo permanece ainda desconhecida.***

(3) Entre as muitas hipóteses que podem explicar a evolução da doença, podemos também citar o histórico genético ou ainda o uso de certos medicamentos. O uso prolongado de corticoides, por exemplo, parece ser um fator de prognóstico ruim. Outros tratamentos, como imunossuppressores, podem, ao contrário, impedir a resposta imunológica. ***Mas, por enquanto, os dados não são suficientes para tirar conclusões.***

(4) Não devemos negligenciar qualquer pista para tentar entender quais são, além das comorbidades, os fatores agravantes ou protetores. Nossa equipe está envolvida também em vários estudos de acompanhamento de pacientes sobre esse assunto<sup>2</sup>.

Essa entrevista não é a transcrição de uma interação oral, onde a especialista está sob a pressão imediata de um jornalista; a pesquisadora respondeu por escrito. Espontaneamente, ela apresenta sua opinião, conforme rotinas discursivas que mostram seu pertencimento à comunidade científica. É assim que o parágrafo (1) resume o ponto e o parágrafo (4) desempenha o papel de uma conclusão que abre perspectivas de pesquisa. Os dois parágrafos centrais, (2) e (3), são os que trazem as informações. Aqui, novamente, encontramos a rotina de artigos científicos. O parágrafo (2) descreve o problema e o parágrafo (3) evoca as diversas hipóteses propostas para resolvê-lo. Esses dois parágrafos centrais terminam ambos com uma frase que constitui uma admissão de ignorância e que é colocada após o conector de concessão “mas”: ***mas a origem desse processo permanece ainda desconhecida. / Mas, por enquanto, os dados não são suficientes para tirar conclusões.*** Esse conector não é usado aqui para opor um argumento mais forte a outro, mas duas atitudes: do que precede, seria de esperar que a ciência trouxesse uma solução, mas a ética científica obriga a reconhecer que não é o caso.

O ethos científico exibido pela oradora apresenta dois lados. Por um lado, ela mostra que a ciência não tem resposta para tudo; por outro, mostra sua confiança na

<sup>2</sup> Grifos do autor. Fonte: <<http://www.sorbonne-universite.fr/dossiers/covid-19-nos-recherches/covid-19-entretien-avec-anne-genevieve-marcelin-professeure-en-virologie>> acesso em 28/4/2020.

capacidade da pesquisa científica de resolver enigmas. Os marcadores temporais testemunham isso: “*por enquanto* os dados não são suficientes”, “a origem... permanece *ainda* desconhecida”. Em ambos os casos, é apenas uma questão de tempo: a falta criada pela ausência de resposta é amplamente compensada pela fé na Ciência. Esse duplo movimento é visível desde as primeiras palavras da intervenção: “Ainda não sabemos por que...” O marcador “ainda não” também pressupõe que a descoberta é uma questão de tempo, e o “nós” permite à enunciativa se apagar por trás da comunidade formada por pesquisadores da área: trata-se de uma ignorância compartilhada. Esse “nós” que admite sua ignorância é também, por seu caráter coletivo, o ator que trará uma solução. Além disso, constatamos também que o “eu” está ausente no conjunto do texto. Seja porque há construções impessoais ou passivas, seja porque é substituído por “nós”, mesmo quando “eu” seria mais provável; é o caso quando a virologista diz: “nós podemos também citar...”.

Como podemos ver, neste texto destinado aos acadêmicos, a ignorância exibida paradoxalmente reforça o ethos da locutora, que parece ainda mais legítimo ao mostrar, ao mesmo tempo, sua ignorância e sua fé na abordagem científica. De qualquer forma, esse reconhecimento de uma ignorância é contrabalançado pragmaticamente pela própria enunciação: pelo simples fato de produzir uma declaração em conformidade com os padrões de um artigo científico, a locutora dá autoridade à sua palavra.

## **2. Governantes e especialistas**

Até agora, presumi que os especialistas pertencem a uma esfera específica, bem distinta do mundo político. Se acreditamos nos atores, a fronteira é estreita entre esses dois discursos. Do lado dos acadêmicos, a posição oficial é que não se deve deixar contaminar por imperativos políticos, que a verdadeira ciência é autônoma; do lado dos políticos, não se para de afirmar que a ciência não deve ditar suas vontades à política, que a tecnocracia é perigosa para a democracia. Na realidade, como a sociologia da ciência demonstrou abundantemente, entre esses dois mundos as interferências são constantes e se tornam particularmente visíveis com a Covid-19.

Entre governantes confrontados com o Coronavírus, constata-se uma divergência entre dois tipos de atitude em relação aos cientistas. Alguns os mantêm à distância (como Trump ou Bolsonaro, ou Lukachenko na Bielorrússia), mas a maioria, para proteger suas decisões de qualquer contestação, tenta mostrar ao público que eles estão agindo sob o conselho de cientistas. É o caso da França. Essa atitude permite acumular

o ethos da pessoa responsável que assume a autoridade, que decide e, assim, tranquiliza, e aquele do indivíduo esclarecido, que justifica suas decisões se apoiando na autoridade da Ciência.

Na França, em 11 de março de 2020, o Presidente da República Francesa, Emmanuel Macron, solicitou a criação de um “comitê científico” de 11 especialistas.

A criação deste comitê – ou “conselho” científico –, solicitada pelo Chefe de Estado, foi anunciada nesta quarta-feira, 11 de março, pelo ministro da Saúde, Olivier Véran. Sua missão, explicou em seguida um comunicado de imprensa do ministério, é “respaldar a tomada de decisões públicas na gestão da situação sanitária ligada ao Coronavírus”. O comitê, presidido pelo Prof. Jean-François Delfrayssy (imunologista e presidente do Comitê Consultivo Nacional de Ética), é composto por um total de 11 especialistas, médicos e pesquisadores<sup>3</sup>.

Para os governantes, o importante é que a mídia diga que é nas opiniões desse comitê que se baseiam suas decisões.

*Foi após consultar o “comitê científico” para monitorar a crise do Coronavírus que Emmanuel Macron anunciou* até segunda ordem o fechamento de creches, escolas, colégios de ensino e universidades na quinta-feira, 12 de março. Foi também sob consulta desse mesmo comitê que o primeiro-ministro Édouard Philippe anunciou, nesta sexta-feira, a proibição de reuniões de mais de cem pessoas. (ibidem; grifo do autor)

Mas essa estratégia, a priori vitoriosa, logo em seguida encontra dificuldades.

1) Seguir escrupulosamente os conselhos de especialistas médicos para erradicar a pandemia não pode deixar de desencadear imediatamente uma grave crise econômica. Em vez de uma convergência harmoniosa entre dois tipos de atores, políticos e cientistas, a administração da Covid-19 envolve, na verdade, um triângulo que integra políticos, médicos e especialistas em economia. Os políticos devem negociar entre os discursos dessas duas categorias de especialistas. Aqueles que preferem se esconder atrás das opiniões dos médicos especialistas são obrigados a fazer o que é o próprio coração da política: arbitrar, tomar decisões com resultados incertos em situações nas quais não se dominam todos os parâmetros. Eles são, portanto, condenados a fazer retórica, a produzir argumentos destinados a justificar decisões discutíveis, mas que devem ser tomadas.

2) Uma ambiguidade formidável aparece no qualificativo “científico” atribuído ao Comitê. De fato, estamos lidando não com um fenômeno biológico, mas com uma

<sup>3</sup> Fonte: <<https://www.lefigaro.fr/sciences/coronavirus-qui-sont-les-experts-du-comite-scientifique-charge-de-conseiller-macron-20200313>>; publicado em 13/3/2020; acessado em 29/4/2020

epidemia, com múltiplas dimensões; entre os onze membros, há então professores de medicina (um imunologista, duas infectologistas, um virologista, um epidemiologista), mas também um antropólogo, um sociólogo, um médico de família, uma reanimadora. Os próprios professores de medicina são, na realidade, personalidades com dupla afiliação: à medicina e à política sanitária, em órgãos estatais ou paraestatais. Assim, o presidente do comitê, Jean-François Delfraissy, é imunologista, mas também, desde 2016, o presidente do “Comitê Consultivo Nacional de Ética para as Ciências da Vida e da Saúde”. Outro membro, Franck Chauvin, é presidente do “Alto Conselho de Saúde Pública” desde 2017 e, desde 2011, preside a “Comissão dedicada à avaliação, estratégia e prospectiva de saúde pública”. Em outras palavras, os “cientistas” do Comitê não correspondem verdadeiramente à representação que comumente se faz do pesquisador em medicina. Eles se inscrevem, sobretudo, em uma perspectiva de política sanitária. Isso apresenta uma vantagem considerável aos políticos: eles pedem conselhos às pessoas com quem trabalham regularmente e os dois pontos de vista se harmonizam facilmente.

Mas essa eficiência tem seu lado negativo: cresce uma lacuna entre esse comitê e os pesquisadores puros. Além disso, a mídia não para de interrogar pesquisadores cuja autoridade científica é muito maior do que a dos membros do comitê científico. Essa lacuna é agravada pelo fato de que a epidemia de Covid-19 é uma doença amplamente desconhecida sobre a qual o saber está em constante evolução, e a mídia faz amplo eco das novas pesquisas. Para se proteger das críticas, em 24 de março, ou seja, apenas 13 dias após a criação do Comitê Científico, o governo francês criou um novo comitê:

Diante de uma crise sanitária de amplitude global, a tomada de decisão pública deve ser respaldada por especialistas científicos. Por isso, o Presidente da República criou, em 24 de março, o Comitê de Análise, Pesquisa e Expertise (CARE) Covid-19, composto por doze pesquisadores e médicos, e presidido por Françoise Barré-Sinoussi, Prêmio Nobel de Medicina. Esse órgão independente, instalado ao lado de Olivier Véran, Ministro da Solidariedade e da Saúde, e de Frédérique Vidal, Ministro do Ensino Superior, Pesquisa e Inovação, cumpre uma função de rápida expertise científica, a pedido do governo, para o qual ele emite pareceres<sup>4</sup>.

O mesmo argumento é apresentado para criar os dois comitês: é preciso “esclarecer” o governo.

---

<sup>4</sup> Fonte: <<https://www.enseignementsup-recherche.gouv.fr/cid151204/le-comite-analyse-recherche-et-expertise-care-covid-19.html>>; acessado em 2/maio/2020

A “ciência” apresenta, assim, uma dupla face, como a doença, que é simultaneamente uma realidade social e uma realidade biológica. O governo deve então arbitrar entre duas fontes de autoridade, que obedecem a lógicas distintas e seguem interesses divergentes. Não importa o que se faça, parece impossível prender a Ciência em um único lugar, no qual se fale uma única voz para conferir uma autoridade inquestionável ao governo.

### **3. Os números**

#### **3.1 Uma proliferação**

O mundo dos números se apresenta como o da objetividade e da universalidade; a universalidade é garantida por um sistema de signos que se pretende transcultural e, portanto, na medida para uma pandemia por definição global; graças a eles, a doença é representada de maneira homogênea de um extremo ao outro do planeta. O que é ainda mais necessário, já que se trata precisamente de uma pandemia, ou seja, uma infecção global.

Independentemente dessa epidemia, os números desempenham um papel essencial em nossas sociedades e, em particular, na argumentação política. Basta pensar na economia: flutuações da bolsa de valores, taxa de inflação, taxa de desemprego, taxa de crescimento, evolução do produto interno bruto etc. Mas a Covid-19 levou a importância dos números a patamares até então insuspeitáveis. Enquanto uma pequena minoria de pessoas verifica constantemente os números econômicos, todo mundo, ou quase, examina a cada dia com preocupação os números da pandemia. E os meios de comunicação nunca forneceram tantos, nos mais diversos modos: a Covid-19 mobiliza ao mesmo tempo mapas geográficos, curvas, histogramas, gráficos, tabelas... Multiplicam-se as estatísticas: número de contaminados, novas contaminações, pacientes hospitalizados, pacientes em terapia intensiva, pacientes recuperados, número de testes realizados, taxa de reprodução de infecções, taxa de ocupação dos leitos das UTIs, etc. Esses números se juntam a outros, colaterais: o número de novos desempregados criados pela pandemia, a proporção de trens que circulam, o número de agências de correios abertas, as horas em que é permitido praticar esportes, a distância em relação ao domicílio etc.

Ao abrirmos, por exemplo, o site do New York Times em 26 de maio de 2020, a primeira coisa que aparece é uma tabela complicada das probabilidades de difusão da doença nos Estados Unidos, município por município.

# The New York Times

Business Opinion Tech Science Health Sports Arts Books Style Food Travel Magazine



**Listen to 'Rabbit Hole'**  
Interviewing the world's biggest  
YouTube influencer.



**In the 'DealBook' Newsletter**  
The reopening, in five charts.

## Where Outbreaks Might Come Next

METRO OR MICRO AREA	RECENT CASES	DAILY GROWTH RATE	CASES DOUBLE EVERY...	METRO OR MICRO AREA	RECENT DEATHS	DAILY GROWTH RATE	DEATHS DOUBLE EVERY...
1 Fayetteville-Springdale, Ark.	356	12%	6.2 days	1 Milledgeville, Ga.	31	14%	5.2 days
2 Sherman-Denison, Texas	209	10%	7.3 days	2 Roanoke, Va.	21	10%	7.2 days
3 Hanford-Corcoran, Calif.	369	9%	8.0 days	3 Tuscaloosa, Ala.	12	7%	9.6 days
4 Yuma, Ariz.	460	8%	9.1 days	4 Burlington, N.C.	16	7%	10.1 days
5 Chattanooga, Tenn.	557	8%	9.1 days	5 Muncie, Ind.	15	7%	10.3 days
6 Topeka, Kan.	200	7%	10.3 days	6 Alexandria, La.	9	6%	11.2 days
7 El Centro, Calif.	805	7%	10.5 days	7 Charlottesville, Va.	7	6%	11.4 days
8 Dalton, Ga.	157	6%	11.2 days	8 Michigan City-La Porte, Ind.	9	6%	12.4 days
9 Faribault-Northfield, Minn.	260	6%	11.9 days	9 Omaha	15	6%	12.9 days
10 Elkhart, Ind.	516	6%	12.6 days	10 Marion, Ohio	7	5%	13.2 days
11 Cookeville, Tenn.	216	5%	13.1 days	11 Macon-Bibb County, Ga.	13	5%	14.2 days
12 Hickory-Lenoir, N.C.	291	5%	13.2 days	12 Pottsville, Pa.	14	5%	15.0 days
13 Laurel, Miss.	299	5%	13.6 days	13 Des Moines, Iowa	60	5%	15.2 days

[Search any U.S. area](#) ➤

Figura 1<sup>5</sup>

Ao clicar no link na parte inferior da tabela (“Pesquisar qualquer área dos EUA”), é possível acessar estatísticas ainda mais detalhadas. Também se multiplicam os mapas atualizados em tempo real, que devem permitir ao leitor acompanhar a evolução da doença em todo o mundo.

<sup>5</sup> Fonte: <https://www.nytimes.com>; 26/5/2020, 20h02; acessado em 26/5/2020



Uma das características mais marcantes dos discursos ativados pela pandemia é que a pertinência dos números é constantemente discutida, juntamente com as controvérsias sobre o próprio vírus e sobre a gestão da pandemia pelas autoridades. Essa discussão se baseia sobre o modo de cálculo: é preciso ou não integrar os doentes mortos nas casas de repouso? E aqueles que morreram em suas residências? E aqueles que também sofrem de outras patologias? É preciso divulgar os números em relação ao número de habitantes? Essa discussão também se relaciona com a confiabilidade das fontes e das possíveis manipulações, que essas fontes sofreram por parte dos governantes.

Na imprensa, a colocação em dúvida dos números pode tomar duas formas: as modalizações pontuais em um texto de visada informativa e a redação de artigos consagrados a discutir a validade dos números.

No texto a seguir, retirado do site da Revista *Le Point*, podemos recuperar algumas modalizações pontuais ao lado de informações propriamente ditas.

#### **Coronavírus: mais de 5000 mortos *anunciados* no Iran**

O novo coronavírus fez mais de 5000 mortos no Iran, *segundo os números oficiais anunciados sábado em Teerã*, cuja capital os pequenos comerciantes começam a reabrir depois um longo fechamento imposto pela crise sanitária.

As autoridades contaram 73 mortes adicionais depois de sexta-feira à tarde, o que eleva a 5031 mortes o número total de mortos pela doença na República Islâmica, declarou o porta-voz do Ministério da Saúde, Kianouche Jahanpour, à televisão.

O Iran é de longe o país mais afetado pela pandemia tanto Próximo ou Oriente Médio, *mas os números divulgados pelo governo são vistos como largamente subestimados tanto no estrangeiro quanto no interior do país* (...)<sup>8</sup>.

Coloquei em itálico os modalizadores que no texto em questão são de três tipos: emprego do termo “anúncio”, indicando que se trata de uma fala do governo e não da realidade dos fatos; a adição de um elemento circunstancial de modalização em discurso segundo (“*segundo os números oficiais anunciados sábado em Teerã*”) e uma proposição concessiva (“*mas os números divulgados pelo governo são vistos como largamente subestimados tanto no estrangeiro quanto no interior do país*”).

<sup>8</sup> Fonte: [https://www.lepoint.fr/monde/coronavirus-plus-de-5-000-morts-annonces-en-iran-18-04-2020-2371942\\_24.php](https://www.lepoint.fr/monde/coronavirus-plus-de-5-000-morts-annonces-en-iran-18-04-2020-2371942_24.php) ; 18/4/2020, 13h54 ; consultado em 3/5/2020

Como é o todo de um artigo consagrado a colocar em dúvida a exatidão dos números, pode-se fazer por razões militantes, em particular para denunciar as supostas manipulações feitas pelos responsáveis políticos. Discutir os números oficiais confere de toda maneira uma grande autoridade: ser o dono/mestre dos números é na verdade uma tomada de posição mais alta numa conjuntura em que o número é a própria pandemia. Pelo próprio fato de que os números desempenham um papel crucial, a contestação do Estado passa de maneira privilegiada pela colocação em dúvida da veracidade desses números. A discussão sobre os números, permite, todavia, mostrar também um ethos profissional competente, acima da disputa; é portanto, antes o fato, uma imprensa destinada a uma elite. Como é o caso do artigo a seguir publicado no site do Jornal *Le Monde* em 02/05/2020:

**Coronavírus: na França, ter um balanço final do número de mortos levará vários meses**

Sejamos claros: hoje é impossível estabelecer com precisão o número de vítimas da Covid19 na França. Os números em tempo real avançam aqui e ali e frequentemente são hipóteses que correm o risco de serem infirmadas assim que a pandemia acabar, às vezes, adicionam-se mortes atribuídas com certeza ou quase certeza ao vírus, mas omitindo milhares de casos.

O balanço diário do diretor geral da saúde (DGS), Jérôme Salomon, se alinha na segunda categoria. Na sexta-feira, 01/05, 2020, o número de infectados pelo SARS-CoV-2 era de 24594 casos<sup>9</sup>.

Além disso, esses artigos da imprensa precisam levar em conta corpus gigantescos de enunciados das redes sociais ou dos comentários dos leitores desses artigos. Por exemplo, num site de informação do jornal *Le Figaro* um curto artigo, destacado de uma agência de notícias traz a seguinte novidade:

“O novo Coronavírus já fez mais de 50000 mortos no Brasil desde o início da pandemia, que contaminou mais de um milhão de pessoas no país, anunciou no domingo o Ministério da Saúde”.

Essa informação é imediatamente seguida de dois comentários divergentes, escritos por dois internautas anônimos:

acerisesurlegateau  
em 22/06/2020 às 06:41 h

---

<sup>9</sup> Fonte: [https://www.lemonde.fr/planete/article/2020/05/02/coronavirus-en-france-avoir-un-bilan-final-prendra-plusieurs-mois\\_6038434\\_3244.html](https://www.lemonde.fr/planete/article/2020/05/02/coronavirus-en-france-avoir-un-bilan-final-prendra-plusieurs-mois_6038434_3244.html); consultado em 3/5/2020

Os médicos brasileiros afirmam que a maioria das mortes pelo vírus não são registradas. Especialmente as mortes ocorridas fora dos hospitais. É preciso multiplicar o número oficial por dez, segundo os médicos. Enquanto isso, nos últimos dias, 35 vezes mais mortes nos EUA do que na França. Trump ou Bolsonaro quem estará no degrau mais alto das mortes?

Robin Desvilles  
em 22/06/2020 às 06:22 h

Ao contrário do que somos levados a acreditar, há menos mortes no Brasil do que na França em comparação com suas respectivas populações<sup>10</sup>.

Vemos que o número não tem sentido nele mesmo; a avaliação varia de acordo com as opiniões políticas do ator social: o primeiro comentário contesta o número para criticar Trump e Bolsonaro, o segundo não contesta o número, mas o minimiza para criticar o governo francês.

Podemos com razão estar um pouco atordoados diante da proliferação dos números ligados à pandemia. Todavia, essa proliferação é compensada pelo fato de que todos esses números são implicitamente integrados na curva de uma história elementar que subentende o conjunto da crise: aquele que conduz da noite à luz, da doença à cura. As curvas aritméticas são absorvidas numa curva narrativa que se organiza em torno de um “pico”, o momento crucial em que a epidemia reflui e com ela a angústia, o medo. Nessas condições compreendemos que se os números não são exatos, é o mundo que se torna opaco e assustador: não podemos mais nos inscrever numa história confiável, organizada em torno de um ponto em que os signos se invertem do negativo ao positivo. As pessoas aceitam o sofrimento e as privações, mas com a condição de que elas sejam integradas em uma história que lhes dê sentido e a garantia de um desfecho feliz. Os números falsos é uma crise de sentidos que se desenvolve com consequências incalculáveis.

### 3.3 Um ritual novo

Para um governo os números não podem se reduzir a informações enviadas de maneira burocrática a diversos organismos. A liberação desses números pode se tornar um verdadeiro ritual, que não pode passar despercebido por um analista do discurso, que tem por interesse particular compreender o funcionamento dos dispositivos de

---

<sup>10</sup> Fonte: <https://www.lefigaro.fr/flash-actu/coronavirus-le-bilan-au-bresil-depasse-50-000-morts-20200622> ; consultado em 22/06/2020

enunciação. O governo francês se orgulha de alhures ter institucionalizado o balanço oral e diário da pandemia. O ritual é um remédio contra a angústia, o medo. Durante o período de confinamento, até o início de maio, todos os dias entre 19:00 e 20:00 h, o mesmo locutor, o Diretor Geral da Saúde, chamado Jérôme Salomon, enuncia em uma decoração imutável os números da evolução da pandemia: em média, ele dá todos esses números em seis segundos, calculou um jornalista<sup>11</sup>. Tornar-se ritual atribui a essa atividade o sentimento de que uma instância superior domina a situação. Os números poderiam ser bons ou ruins, mas a enunciação mostra um domínio, graças ao ethos tranquilizador do locutor (sua voz, a maneira como está vestido) e a toda a decoração da enunciação. A presença de um tradutor para as pessoas surdas no mesmo nível em que está o locutor contribui para conferir ao governo um ethos compassivo, buscando incluir todos na comunidade nacional.



**Figura 3** - Point presse em 21 de abril de 2020.

O muro branco, as bandeiras, o púlpito transparente, a autodesignação de atividade discursiva ("Point presse Coronavirus"), tudo é feito para dar o sentimento de um controle. "Point presse" deriva da locução "fazer o balanço", vinda da navegação; a metáfora marítima é aqui particularmente muito pertinente: para um marinheiro fazer o balanço é lutar contra a angústia, é determinar, no meio do oceano, a posição exata de um navio na falta de todo outro referente além das estrelas.

<sup>11</sup> Veronique Groussard, du magazine *Le Nouvel Obs* (<https://www.nouvelobs.com/teleobs/20200407.OBS27205/jerome-salomon-un-chiffre-toutes-les-six-secondes.html> ; artigo do dia 07/04/2020, consultado em 10/06/2020)/

Esse "point presse" apresenta na realidade duas partes: primeira, a indicação dos números e depois as respostas às perguntas sobre a doença e a maneira de combatê-la. Tomemos por exemplo a sessão de 17 de abril de 2020. Ela tem a duração de 37 minutos e 15 segundos e começa por expor detalhadamente os números na França, na Europa e no mundo inteiro, cuja duração é de 13 minutos e 25 segundos. Vem em seguida uma transição de 35 segundos que mistura o epidítico e a prescrição: “é no conjunto de todos que vamos superar essa pandemia e os seus efeitos”, “não vamos relaxar nossos esforços essa noite...”, “devemos, pois concentrar nossos esforços no confinamento...” Num segundo momento, 17 minutos e 15 segundos são destinados a responder às questões enunciadas por uma locutora, cujos telespectadores percebem somente a voz.

Normalmente, nesse tipo de dispositivo o locutor responde às questões inesperadas postas pelos jornalistas que estão frente a frente com o entrevistado. Em seus “points presses” o Diretor da Saúde se beneficia de uma vantagem considerável, que pode ser justificada pelo confinamento: ele tem resposta para tudo, pois seus colaboradores podem escolher as questões e preparar de antecipadamente as respostas. Essas questões podem girar em torno de aspectos administrativos da gestão da doença, bem como sobre a eficácia de determinado medicamento. O ponto de vista adotado para as respostas é mais do cidadão comum do que dos médicos. O que resulta num locutor sempre onisciente. Esse ethos se torna digno de crença pelo caráter híbrido desse locutor, que acumula duas legitimidades institucionais: é professor de medicina e também o diretor do órgão responsável pela saúde pública na França, Direção Geral da Saúde. Ele incarna essa fusão do científico e do político, desejo dos que se encarregam da gestão da pandemia. Deter os números e responder a tudo são duas facetas do domínio da doença.

### **Conclusão**

Uma epidemia é espontaneamente apreendida como uma realidade biológica, médica ou social. Se adotamos o primeiro ponto de vista, escrutinamos a estrutura do vírus ou das bactérias, a liberação de anticorpos, os fatores genéticos, etc. Se adotamos o segundo ponto de vista, nos interessamos pelos modos de transmissão, pelos medicamentos, pelos protocolos terapêuticos. Se adotamos o terceiro ponto de vista, a epidemia é apreendida através de suas condições e seus efeitos sociais: os grupos sociais mais afetados, as consequências psicológicas ou econômicas do confinamento

generalizado, etc. Na realidade, esses três pontos de vista se misturam constantemente quando nos colocamos ao nível da política sanitária, ou mesmo no da política stricto-sensu. Em contrapartida, é preciso fazer um esforço muito grande para apreender a epidemia não como as “coisas”, mas como uma realidade discursiva. Quando falamos de Covid19, fazemos referência a uma denominação construída por um organismo internacional, a Organização Mundial de Saúde – OMS. Quando evocamos os “resultados científicos”, estamos nos referindo na realidade a publicações científicas. Quando aludimos aos “números da pandemia” evocamos na realidade uma grande quantidade de práticas semióticas distribuídas sobre diversos tipos e gêneros de discurso. Quando interrogamos um biólogo numa entrevista televisiva, ativamos um gênero de discurso midiático e assim por diante. O caráter discursivo da pandemia é reforçado no caso da Covid19 e nas prováveis crises sanitárias a surgirem: as populações estão de agora em diante constantemente conectadas às massas de enunciados provenientes de múltiplos atores sociais e através de canais muito diversos, mas também estão expostas a um conjunto muito grande de enunciados que discutem, comentam os enunciados desses atores. Essa conexão não é pura passividade por parte de quem lê ou escuta: graças às tecnologias digitais as pessoas não param de produzir e de difundir enunciados sobre essa problemática, cujos “autores” não são reconhecidos por um estatuto oficial ou pelos canais de informação reconhecidos. Nesse texto, busquei acentuar sobre o papel de desses atores e seus canais “legítimos”, mas entendo que essa abordagem deveria ser complementada por pesquisas sobre enunciados que circulam fora dessa esfera. A realidade do discurso atualmente é a interação constante entre esses dois universos discursivos, ligados por uma relação assimétrica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Charaudeau, P., Maingueneau, D. (orgs.), 2002, **Dictionnaire d'analyse du discours**, Paris, Le Seuil. Tradução brasileira (KOMESU, F. et al). Dicionário de análise do discurso. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

"Chiffres et nombres dans l'argumentation politique", 2012, número spécial de *MOTS*. **Les langages du politique**, n°100.

### Como referenciar este artigo:

MAINGUENEAU, Dominique. Resposta ao medo. **revista Linguagem**, São Carlos, V. 35, Dossiê *Discurso em Tempos de Pandemia*. setembro/2020. p. 1-17.